

## MACHADO DE ASSIS ENTRE A CONSAGRAÇÃO E A POLÊMICA

Sílvia Maria Azevedo (UNESP)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O cinquentenário da morte de Machado de Assis, em 1958, foi marcado pela produção de extensa bibliografia, para a qual colaboraram os nomes mais destacados da crítica literária brasileira. Em meio ao roteiro da consagração construído em torno de Machado de Assis, o livro homônimo de Agripino Grieco, publicado pela José Olympio, no ano seguinte, vinha destoar dos estudos voltados à obra machadiana, pelo tom hostil com que investia contra o autor de *Dom Casmurro*. Como era de se esperar, não faltaram manifestações, entre os críticos brasileiros, contrárias à obra de Agripino, dentre elas, os artigos de Afrânio Coutinho no *Diário de Notícias*, entre maio-junho de 1959, e a “Carta aberta a Agripino Grieco”, de Augusto Meyer, publicada em 23 de maio de 1959, n’*O Estado de São Paulo*. Uma semana mais tarde, a carta aberta de Meyer aparecia no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro e, por fim, será reproduzida no segundo número da *Revista da Sociedade de Amigos de Machado de Assis*. O objetivo da comunicação é recuperar a famosa querela ao redor de Machado de Assis, na qual estiveram envolvidos Agripino Grieco, Afrânio Coutinho e Augusto Meyer, tendo em vista, por um lado, a relação entre polêmica e imprensa, por outro, o contexto da crítica no Brasil, na época, marcado pela extensa machadiana em comemoração aos cinquenta anos da morte de Machado de Assis.

**Palavras-Chave:** Polêmica. Machado de Assis. Agripino Grieco. Afrânio Coutinho. Augusto Meyer. Intertextualidade

Como aconteceu no centenário do nascimento de Machado de Assis, em 1939, o cinquentenário da morte do escritor brasileiro foi marcado, em 1958, por inúmeras comemorações e iniciativas, dentre as quais cabe destacar a palestra de Lúcia Miguel Pereira sobre a vida e a obra de Machado de Assis<sup>2</sup>, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o lançamento de um LP com contos de Machado lidos por Margarida Rei, Tônia Carrero, César Ladeira, Paulo Autran, a instalação da Comissão Machado de Assis, incumbida de elaborar a edição das obras completas do escritor, a fundação da SAMA (Sociedade Amigos de Machado de Assis), graças ao empenho do livreiro-editor Carlos Ribeiro, que liderou igualmente romaria ao cemitério São João Batista onde está enterrado Machado de Assis.<sup>3</sup>

Ainda no dia 29 de setembro, houve o lançamento de um número especial da *Revista do Livro*, assim também de outras importantes publicações, como: *Ao redor de Machado de Assis* e *Machado de Assis, Funcionário Público*, de Raimundo Magalhães

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Literatura, Unesp/Assis.

<sup>2</sup> Em 1936 Lúcia Miguel Pereira publicou a obra *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, com o qual recebeu o prêmio Felipe de Oliveira, considerado pelo *Círculo Literário do Brasil* como “a melhor e mais completa biografia do grande romancista” (SANTOS, 2012: p. 33).

<sup>3</sup> “Machado de Assis pela imprensa, na época do cinquentenário de sua morte”, *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, n.3, p. 52-53, 29 ago. 1959.

Júnior; *Machado de Assis*, Ensaios e Apontamentos Avulsos, de Astrogildo Pereira; *Machado de Assis*, de Eugênio Gomes; *Presença de Machado de Assis*, de Augusto Meyer; *O Tempo no Romance Machadiano*, de Dirce Cortes Riedel.

No ano seguinte às comemorações do cinquentenário da morte do escritor carioca, Agripino Grieco, para marcar a sua aversão aos “machadóltras” e à “machadolatria”, publica, pela José Olympio, o livro *Machado de Assis*. Naquela altura, Agripino era nome de destaque da imprensa brasileira, com atuação nos principais jornais e revistas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, a exemplo do *Boletim de Ariel* (1931-1938), que fundou, no Rio, em parceria com Gastão Cruls, e nos quais deixou as marcas de sua verve virulenta, sarcástica e irônica.

No livro de 1959 sobre Machado de Assis, Griecomantém a atitude do polemista, que não hesita em manifestar sua apreciação negativa em relação ao maior escritor brasileiro, como procura justificar no prefácio da obra:

[...] todo o meu mal consistiu em bater à porta do mestre do Cosme Velho depois de longa visita àqueles que o haviam ajudado a formar-se: Diderot, Voltaire, Mérimée, Flaubert. Vir assim das cidades européias para o Rio... Se eu o lesse integralmente nos tempos de rapaz, provavelmente sentiria outro afeto por ele. (GRIECO, 1960, p. 60).

Dividido em duas partes, na primeira, Agripino percorre a obra de Machado de Assis de ponta a ponta (poesia, conto, romance, crônica, teatro, crítica, correspondência), numa leitura em chave comparatista (tendência que vinha se impondo na crítica machadiana, a partir dos trabalhos de Eugênio Gomes, Augusto Meyer, entre outros). Na segunda, o crítico passa em exame a machadiana produzida até então, com a pena do sarcasmo e da ironia, um dos fortes motivos por que o livro de Agripino Grieco recebeu inúmeras críticas.

Na perspectiva da “dívida” (GRIECO, 1960, p. 60) de Machado, o trabalho comparativo de Grieco consistiu, na primeira parte do livro, em aproximar fragmentos de textos machadianos aos de outros autores, com o propósito de apontar a falta de originalidade do autor de *Memórias Póstumas*. Leitura miúda e de erudito, Agripino não se preocupa em fornecer referências exatas dos textos que examina, embora a presença do crítico-polemista, ostensiva e ferina, acabe por relegar a obra machadiana ao segundo plano.

As avaliações, sempre taxativas e negativas, compreendem, entre outros aspectos, o pessimismo de Machado de Assis, a frieza do autor, a ausência de personagens boas em sua obra (em especial em *Memórias Póstumas*), o *humour* postiço, falso, de Machado, que não correspondia ao espírito nacional (representado por José de Alencar e Lima Barreto), em oposição ao trabalho de Alcides Maya, *Machado de Assis* (Algumas Notas sobre o “Humour”), de 1912.

Em relação às áreas de atuação de Machado, os julgamentos são igualmente categóricos: a poesia não era o forte do escritor, como também não o era o teatro (lugar-comum entre os machadianos de então); já no conto, Machado “é o maior do Brasil” (GRIECO, 1960, p. 21), avaliação positiva que se estende aos da chamada primeira fase (até então, postos de lado pela crítica, pois que vistos como expressão de um romantismo piegas). Mas é em relação ao romance, especificamente a *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que a crítica de Agripino Grieco é implacável:

“*Brás Cubas* é, em grande parte, livro de fama usurpada, falsa obra-prima. *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, especialmente o último, são-lhe superiores, e simples contos de Machado valem mais que este irritante manual de sarcasmo, onde há artifício, artimanha e raramente arte pura. Quanta coisa de seção charadística! Sente-se o amontoamento livresco desde as primeiras páginas, nos inúmeros nomes famosos e situações literárias evocados implícita ou explicitamente, a dar antes idéia de crítica ou ensaio do que trabalho de ficção. Pensa-se andar em um terreno úmido cheio de líquens e fetos. Embora em frequentes lances ele iguale os europeus que imita, vê-se estar em jogo um mosaico de muitos autores e no qual o menos autor é o autor brasileiro.” (GRIECO, 1960, p. 47).

Diante de tal posicionamento, não faltaram manifestações, entre os críticos brasileiros, contrárias à obra de Agripino Grieco, dentre os quais Afrânio Coutinho, na série de cinco artigos publicados na seção “Correntes Cruzadas”, que fazia parte do Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre maio-junho de 1959, depois recolhidos em livro. No momento em que predominava, no Brasil, a crítica impressionista, Afrânio iniciava, segundo Wilson Martins, “[...] a pregação da crítica ‘estética’ e ‘universitária’ [...] segundo o novo evangelho que lhe fora recentemente revelado nos Estados Unidos sob as espécies do ‘new criticism.’” (MARTINS, 1983, p. 608).

No primeiro artigo da série, “Machado ou Grieco?”, Coutinho identifica a crítica de Agripino Grieco com a “velha atitude impressionista”, rotulando-a como prática ultrapassada, “demonstração de sua [de Grieco] impossibilidade de sair de si mesmo”:

O ‘Machado de Assis’ de Agripino Grieco não é um livro sobre Machado, porém um livro de Grieco. Muita coisa nem é nova, apenas reunida em livro de sensação. Por toda a parte, é a mesma exploração do trocadilho, o invencível gosto da frase (por ele atribuído, aliás, a Machado), mesmo com o sacrifício da justiça ou da exatidão crítica; a mesma extroversão da pessoa Grieco, com as suas preferências e idiosincrasias, para o assunto que é visivelmente abafado. De qualquer modo, é um exemplo da velha atitude impressionista, uma demonstração de sua impossibilidade a sair de si mesmo, para encarar a obra com objetividade, respeitando-a tal como é, e não como quereria o crítico devesse ela ter sido. Além disso, ainda Grieco, é um panfleto, e como tal, foge do âmbito da crítica. (COUTINHO, 1959), p. 3-4).

O método comparativo praticado por Agripino também mereceu objeções de Afrânio Coutinho, que o interpretou como mera busca de analogias, com o fim de sugerir inferioridade ou plágio da parte do escritor brasileiro:

Qual o método crítico de que se vale Grieco nesse volume? Na aparência é o comparatismo. É a busca de analogias, reminiscências e reflexos de leituras, graças a aproximações com os escritores estrangeiros. Pode-se dizer que todos os capítulos do livro seguem a mesma técnica: acompanhar o romance ou conto ou crônica, apontando de caminho as semelhanças e analogias. Ninguém, hoje em dia, que tenha um mínimo de formação literária, poderá negar o valor do método comparatista, e as contribuições valiosas que tem dado aos estudos literários. Mas o que pratica Agripino, nessa obra, não passa de uma contrafação ou uma deformação do método. Em primeiro lugar, a comparação só é válida se tem um objetivo – que, no caso, deve ser a análise e explicação literária. A caça à analogia pelo prazer puro de encontrar reminiscências ou pelo intuito malicioso de sugerir inferioridade ou plágio é operação fora da crítica. (COUTINHO, 1959, p. 3-4).

A crítica ao método comparativo de Agripino Grieco, mais particularmente, o recurso às passagens paralelas, ou seja, o esclarecimento de uma passagem de Machado de Assis por uma de outro autor com a intenção de rebaixar Machado, está no cerne da carta aberta de Augusto Meyer, publicada em *O Estado de S. Paulo*, em 23 de maio de 1959, e uma semana mais tarde, no *Correio da Manhã*. Não deixa de ser curioso o fato de Meyer ter escolhido a carta aberta como forma de criticar o livro de

Agripino Grieco, o que faz pensar que o crítico gaúcho estivesse menos interessado em obter uma resposta do destinatário do que propagar a sua opinião.

De qualquer forma, o tom da carta não é agressivo, antes irônico:

Prezado Mestre

Não veja nestas linhas ressentimento. Ressentimento não pode caber no caso, diante das páginas 194-196 do seu livro: algumas restrições parecem-me oportunas, para corrigir meu incurável narcisismo de autor.

Não estamos nós em causa, portanto, está em causa Machado de Assis. Aproveito o branco da página para dizer-lhe da minha dívida: muito aprendi com o seu garbo irônico, sua vivacidade meridional, sua veia à Galiani, sua constante lição de irreverência, variada leitura, fecunda insatisfação.

Mas quem escreve estas mal traçadas é o leitor de Machado, este sim, desconfiado e um tanto resmungão. Vieram cutucá-lo com vara curta na sua toca, e o animal recuou, assoprou o seu espanto e agora começa a rosar. Um machadiano acuado... (MEYER, 2005, p. 756).

Para começar, Meyer não deixa de fazer críticas à capa do livro de Agripino Grieco, na qual “[...] as intenções mefistofélicas transparecem da composição oblíqua, daquele olho azedo, fisgando o olho do leitor.”, na interpretação gráfica de Poty do “espírito do miolo” (MEYER, 2005, p. 756).

O problema maior, no entanto, está dentro da obra, sobretudo a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* levada a cabo por Agripino, “[...] essa coisa enorme, que ele [Meyer] passa a transcrever com o maior desvelo em seu caderno de apontamentos, destinado a uma *Antologia da incompreensão crítica*, sugerida por Henri Peyre: [...]” (MEYER, 2005, p. 756). A citação, extraída do livro de Grieco em relação às *Memórias*, e incorporada à carta, é a aquela que ficou registrada mais acima, neste artigo.

Passando a contestar a idéia da imitação como rebaixamento – “[...] ninguém abre a boca sem repetir o repetido, imitar o imitado [...]” (MEYER, 2005, p. 757)” – Augusto Meyer elenca os riscos do emprego das passagens paralelas, sem os devidos cuidados:

[...] a) supor que a cada trecho de uma obra deve necessariamente corresponder uma fonte específica ou trecho paralelo; b) ceder à fascinação da fonte única; c) estabelecer confusão entre simples semelhança e dependência direta; d) deixar de completar o paralelo com a análise estilística de ambos os trechos no seu contexto; e) perder de vista a graduação que vai de um simples decalque à imitação literária, de uma adaptação compilada à assimilação de estilo e

conteúdo, da imitação criadora à genuína originalidade. Tudo isto depois de comprovada a leitura dos modelos, ou pelo menos de assentada a probabilidade máxima de consulta. (MEYER, 2005, p. 757).

Daí Meyer contestar as “influências” de Machado de Assis, no registro de passagens paralelas, mostrando que outras “influências” poderiam igualmente ser apontadas, mais antigas até que as identificadas por Grieco. Por exemplo, a aproximação entre Brás Cubas, inventor do famoso emplastro, a personagem de Balzac, César Birotteau, perfumista enriquecido por suas descobertas, e Louis Reybaud, economista francês que conseguiu amearhar considerável fortuna:

Se o ‘emplastro de Brás Cubas’ deve algo ao Cesar Birotteau balzaquiano, como quer o meu prezado mestre, e a Louis Reybaud, não deixa de enquadrar-se na chatíssima rubrica temática do ‘curatudo’, da ‘panaceia universal’, com escalas pelo folclore e pelo anedotário humilde da humanidade sofredora. E o estudo comparativo das versões da mesma chapa, em Balzac e Machado, mostraria o que todos sabem, isto é, que ambos repetem a mesma chapa, cada macaco em seu galho: Machado, porém, me parece um macaco mais ágil. (MEYER, 2005, p. 757).

As mesmas objeções se estendem à comparação entre Machado de Assis e La Fontaine, a partir da pergunta do narrador de *Memórias Póstumas*, no capítulo de “O Delírio”:

Se Machado pergunta ‘o que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião’, quem poderá afirmar que ele está repetindo a fábula de La Fontaine, sobre os ‘leões pintores’, e não renovando a velha chapa filosófica, repetida mil vezes, que reporta a Xenófanes, na tradição ocidental, ao conhecido fragmento (Diels e Burnet, 15 e 16) em que se refere a cavalos, bois e leões pintores? Não estou dizendo que Machado foi à frente pré-socrática dessa crítica do antropomorfismo, digo apenas que tanto ele, quanto La Fontaine, copiaram o copiado, repetiram o que a doxografia divulgara, cada qual a seu modo; e note que a frase do nosso Machado nem por isso fica devendo em graça aos versos de La Fontaine. (MEYER, 2005, p. 758).

Outras aproximações propostas por Agripino Grieco, ainda em relação no capítulo “O Delírio”, desta vez envolvendo Baudelaire e Vigny, são igualmente refutadas por Augusto Meyer:

Por que lhe parece que a planície onde tudo é de neve, no ‘Delírio’, constitui variante à paisagem do ‘RêveParisien’ de Baudelaire, toda composta de minerais? Uma é a paisagem clássica, da desolação, extrema tristeza; a outra é o requinte mórbido de uma fantasia, é intencionalmente a poesia do artifício. O tremendo chavão mítico ‘Natureza mãe e inimiga’, coisa que pariu não sei quantas coisas, inclusive monstros e deuses, e passou por várias modalidades, entrando na tradição do ocultismo e mais tarde no Romantismo, com resíduos parnasianos manifestos, foi necessariamente bebido em Vigny? (MEYER, 2005, p. 758).

Por fim, quando Agripino acusa Machado de abusar das metáforas eqüinas, Augusto Myer não se contém, e retruca:

As ‘metáforas equinas’, meu irritado mestre, pertencem ao tesouro comum da língua humana, que humaniza tudo, e vão entroncar no fecundo ‘complexo do cavaleiro’. Veja a poesia oriental, consulte os comentários de Goethe, a propósito da linguagem poética de persas e árabes, não se deixe governar pelos seus nervos, que são maus conselheiros; lembre-se da expressão eqüina: ‘sofrear os impulsos’. (MEYER, 2005, p. 760).

E assim, usando as armas do próprio oponente, a leitura miúda e o método das passagens paralelas, Augusto Meyer vai contestando, uma após outra, as aproximações de Agripino Grieco, dando mostras de erudição igual, ou superior, à de Grieco.

Mas não era tão-somente a erudição que estava em causa, e sim a crítica impressionista, e, em particular, a polêmica, ambas na mira dessa nova prática do exercício crítico, representada no cinquentenário da morte de Machado de Assis, por Afrânio Coutinho e Augusto Meyer, leitores que se inscrevem na linhagem dos renovadores da crítica machadiana.

## Referências

COUTINHO, Afrânio. “Machado ou Grieco?”, *Diário de Notícias*, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, nº. 11196, 17 maio 1959, p. 3-4.

GOMES, Eugênio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

GRIECO, Agripino. *Machado de Assis*. 2ª. edição, revista. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

“Machado de Assis pela Imprensa, na Época do Cinquentenário de Sua Morte”, *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, n.3, p. 51-55, 29 ago. 1959.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Ao Redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis, Funcionário Público: no Imperio e na República*. Rio de Janeiro: Ministerio da Viação e Obras Públicas, 1958.

MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, 2 vols.

MAYA, Alcides. *Machado de Assis (Algumas Notas Sobre o “Humour”)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Jacinto Silva, 1912.

MEYER, Augusto. *Presença de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

\_\_\_\_\_. Carta aberta a Agripino Grieco. In: BUENO, Alexei e ERMAKOFF, George (organizadores). *Duelos no Serpentário: uma Antologia da Polêmica Intelectual no Brasil 1850-1950*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005.

PEREIRA, Astrogildo. *Machado de Assis, Ensaios e Apontamentos Avulsos*. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora, 1958.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico)*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936.

RIEDEL, Dirce Cortes. *O Tempo no Romance Machadiano*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

SANTOS, Juliana. *Ficção e Crítica de Lúcia Miguel Pereira: a Literatura como Formação*. Tese de doutorado, UFRS, 2012. [www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54098/000851137.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54098/000851137.pdf?sequence=1) Acesso em 17 de set. 2016.



**Periódicos consultados**

*CORREIO DA MANHÃ* (RJ, 1900-1970)

*DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RJ, 1850-1979)